

Entre o Haiti e o Havaí, Lula Põe o Exército em Risco

Há algo estranho nesta superexposição pública das forças armadas no Rio. Estranho e perigoso, para o exército e para a população, ainda que todos nós estejamos de acordo que há muito as tropas devem combater o tráfico. Daqui a pouco, porém, as forças armadas voltam para os quartéis e nós voltamos à insegurança a que tem sido relegada a população do Estado nos últimos oito anos. É claro que agora estamos todos com uma sensação de segurança que tanto desejávamos. Mas porque só agora? Porque todo este espalhafato por causa de meia dúzia de fuzis quando todos sabemos que os traficantes do Rio, há anos, têm mais armamentos pesados que todos os rebeldes que as tropas brasileiras enfrentam no Haiti? E quando todos sabemos que é dever do exército combater o tráfico de armas pesadas.

O governo federal tem se especializado em espetáculos pirotécnicos aqui na cidade do Rio. Talvez porque o Rio ainda seja o tambor retumbante do país, ou porque o governo federal necessita recuperar a sua imagem junto à população brasileira, depois dos escândalos de corrupção que surgem sem parar desde o momento em que o PT chegou ao poder. Ou mesmo, talvez, porque o PT precise angariar votos para eleger o compositor da música "O Haiti é Aqui", que o ministro saltitante Gilberto Gil fez junto com Caetano.

O fato é que o Presidente da República, pela primeira vez, resolveu olhar para criminalidade no Rio e, de Londres, aproveita que a população aprova a ação do exército e surfa na onda de prestígio do exército buscando melhorar a sua imagem

com os cariocas e os brasileiros. Mas o uso do prestígio das forças armadas, neste tipo de ação e com interesses políticos, pode fazer com que o feitiço vire contra o feiticeiro. O Exército não foi feito para cercar favelas onde moram brasileiros e muito menos participar de tiroteios que possam matar cidadãos honestos que nada tem com os traficantes de drogas ou de armas. O exército deve reagir ao ataque, deve interferir neste quadro de incompetência da segurança do Estado, mas não deve se arriscar a matar brasileiros inocentes. O tiro, afinal, pode sair pela culatra.

É verdade que com a presença dos militares a criminalidade caiu nos bairros próximos às favelas ocupadas, e, por isso, a população pode e deve estar grata. As informações, divulgadas na TV, eram de que na Zona Norte e no subúrbio o número de roubos e furtos de carros caiu pela metade. E os assaltos a ônibus tiveram redução de 40%. Os cariocas dão total apoio ao exército, quase 90%, mas ninguém pode prever tragédias e as forças armadas não podem ser incentivadas a correr este risco. Afinal "o Haiti não é aqui".

Nós cariocas, sinceramente, preferimos a comparação que, em "Menino do Rio", o Caetano fez com o Havaí. E longe de um desastre que possa vir a ser causado por estas superexposições públicas do exército, queremos que a única tensão, seja, como diz a música do Caetano, a "tensão flutuante do Rio", e cantamos para que Deus nos proteja destas pirotecnias eleitoreiras.